



Grupos de trabalho CEISG

Clique no GT para seu detalhamento

GT 1	Professoras(es)	Stella Maris Bortoni-Ricardo
	Título	Linguagem e Sociolinguística
GT 2	Professoras(es)	Luciane Sturm, Cleonice Pletsch e Janci Hübner
	Título	Línguas adicionais na perspectiva da linguística aplicada: ensino, pesquisa e extensão
GT 3	Professoras(es)	Fabiana Diniz Kurtz, Maria Cristina Pansera de Araújo, Denilson Rodrigues da Silva, Gláucio José Couri Machado
	Título	Linguagem e sociedade: representações discursivas acerca do papel das TIC na educação
GT 4	Professoras(es)	Magnun Rochel Madruga, Wilmar R. D'Angelis
	Título	Deslocando o eixo e os participantes da pesquisa em línguas indígenas
GT 5	Professoras(es)	Simone Hashiguti, Cláudia Hisldorf Rocha
	Título	Problematizações e práticas decoloniais e de resistência em pesquisas linguístico-aplicadas e/ou em educação linguística
GT 6	Professoras(es)	Janaína da Silva Cardoso
	Título	Reflexões sobre pesquisas de professores de línguas do sul global com uma perspectiva decolonial
GT 7	Professoras(es)	Joaquim Dolz, Kleber Aparecido da Silva, Paula Cobucci
	Título	O trabalho com sequências didáticas na Educação Básica e no Ensino Superior
GT 8	Professoras(es)	André Firpo Beviláqua, Vanessa Ribas Fialho, Alan Ricardo Costa, Vilson José Leffa
	Título	Pós-humanidade, novos estudos do letramento e educação linguística crítica: perspectivas emergentes no eixo linguagem e tecnologia
GT 9	Professoras(es)	Denise Martins de Abreu-e-Lima, Waldenor Barros Moraes Filho
	Título	Linguagem e Políticas Linguísticas e internacionalização
GT 10	Professoras(es)	Doris Cristina Vicente da Silva Matos e Junot de Oliveira Maia
	Título	Práticas de linguagem e decolonialidade: caminhos possíveis na Linguística Aplicada

GT 11	Professoras(es)	Fernanda Liberali
	Título	Pesquisa e Engajamento na Busca do Bem Viver
GT 12	Professoras(es)	Rosana Helena Nunes, Helenice Joviano Roque de Faria e Célia Zeri
	Título	Desafios, implicações e reflexões sobre as práticas docentes leitoras
GT 13	Professoras(es)	Cátia Martins
	Título	ChatGPT: perspectivas, desafios e reflexões sobre as interfaces tecnológicas e o ensino de língua

GT 1

A Sociolinguística autônoma e interdisciplinar teve início em meados do século XX, embora haja linguistas que desenvolviam seus trabalhos de natureza sociolinguística anteriormente a 1960, entre os quais podemos citar Meillet [1866 - 1936], Bakhtin [1895 - 1975] e os membros do Círculo Linguístico de Praga. "Esses são pensadores que levaram em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala nas suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala - o falante - pelo contrário, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida" (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 11). A Sociolinguística teve como premissas básicas o relativismo cultural e a heterogeneidade linguística inerente e sistemática. A Sociolinguística Educacional é uma das correntes da Sociolinguística e volta-se para o ensino de Língua Portuguesa em escolas brasileiras, da pré-escola à universidade. Essa disciplina suscita reflexões críticas a partir de experiências docentes em sala de aula, ao apresentar a realidade do ensino de Língua Portuguesa e possibilidades metodológicas e teóricas profícuas para a ruptura de concepções cristalizadas no sistema de ensino público brasileiro. Contempla ampla discussão sobre linguagem, políticas linguísticas e educacionais, letramentos, gêneros textuais/discursivos e responde a uma pergunta básica: "Como empoderar o professor de Língua Portuguesa para ensinar de forma produtiva e formar cidadãos brasileiros críticos?" (cf. BORTONI-RICARDO e SILVA, 2022). Bortoni-Ricardo (2004; 2021) adota, no tratamento da Sociolinguística Educacional no Brasil, uma metodologia constituída de quatro contínuos, a saber: a) contínuo de urbanização - que vai dos falares regionais rurais ao Português padronizado urbano e é usado na escrita oficial, no qual se distinguem traços que definem uma estratificação abrupta de traços definidores de uma estratificação gradual; b) contínuo de oralidade e letramento - assim como no primeiro contínuo, as fronteiras são fluidas e há sobreposições, pois um evento de letramento pode conter mini eventos de oralidade e vice-versa; c) contínuo de monitoração estilística - onde se distinguem interações totalmente espontâneas das planejadas, variando em um caso ou outro, a atenção que o falante presta à sua fala; e d) contínuo de acesso à Internet - depende da zona de residência do falante, do seu grau de alfabetização e seu acesso ao equipamento digital.

GT 2

O ensino e a aprendizagem das línguas adicionais (EALA) tem sido foco de inúmeros estudos, sob diferentes perspectivas nos últimos anos, graças ao aumento de cursos de pós-graduação no Brasil, entre outros fatores. A Linguística Aplicada, interdisciplinar e autônoma, se destaca como ciência cujas teorias dão suporte para grande parte desses estudos, fato que promove o avanço e a qualidade das produções e publicações na área. Contudo, as investigações sobre a temática do EALA não se esgotam, pois, a cada dia, novas variáveis surgem com as práticas, com novos atores/participantes, novas perspectivas e olhares. Por isso, o novo instiga e desafia outros estudos e diferentes desdobramentos, trazendo outras inquietações. Diante desse contexto de complexidade, nosso objetivo é receber propostas para a apresentação de trabalhos centrados no EALA e que tenham como princípios a criatividade e a promoção da interação, principalmente. Além disso, esperamos trabalhos oriundos do ensino, da pesquisa ou da extensão, que se destaquem pela inovação e pela qualidade no EALA, relacionadas às

práticas sociais na modernidade e, que visem promover o desenvolvimento do pensamento crítico e a autonomia do aprendiz.

GT 3

As tecnologias são protagonistas de processos interativos de ensino e aprendizagem global. No entanto, na educação básica e mesmo na superior no Brasil, em cursos de licenciatura, representações e comportamentos docentes apresentam movimentos paradoxais de colonização e massificação dos processos educacionais digitais ou de rompimento. Entendemos que o campo das ciências humanas e da linguística aplicada necessitam aprofundar estudos quanto a representações discursivas coloniais de professores acerca do cenário cibercultural associado a seu grau de proficiência tecnológica e, para tal, o diálogo inter e transdisciplinar é fundamental. Assim, o objetivo deste GT é coadunar estudos envolvendo mídias e tecnologias na educação, bem como representações discursivas acerca do papel, limitações e potencialidades das tecnologias no campo educacional. Esperamos produzir elementos e entendimentos acerca da temática, de modo a auxiliar profissionais e pesquisadores de educação básica e superior, no sentido de estabelecermos redes de colaboração e estudos envolvendo o ODS 4 (Educação de qualidade) da agenda 2030 da ONU, na formação e atuação de professores em âmbito global (ou glocal).

GT 4

Os esforços, processos e projetos de revitalização linguística, em línguas indígenas, no Brasil aos poucos delinearam duas grandes linhas bastante distintas: (i) a tradicional, focada em ações de extensa documentação áudio-visual e em produções lexicográficas, envolve falantes nativos anciãos e professores indígenas nessas atividades, mas praticamente reserva a análise e as publicações de análise sobre a língua aos linguistas consultores; (ii) a decolonial, vertente QUE envolve os falantes nativos anciãos e os professores indígenas na definição das questões linguísticas a analisar – com miras à sua contribuição para os processos de ensino-aprendizagem da língua ancestral nas escolas da comunidade linguística –, assim como na busca de dados que contribuam à desejada análise, e finalmente, os envolve também nos processos de construção de conhecimento sobre sua língua, compartilhando assim, linguistas consultores e falantes indígenas, a co-autoria do conhecimento construído. Essa abordagem, de recorte decolonial, promove dois importantes deslocamentos: o dos pesquisadores linguistas não-índios e dos falantes indígenas, de duas posições hierarquicamente opostas, para uma mesma posição de pesquisadores em relação horizontal de colaboração; e o do eixo, ou centro de construção de conhecimento, que é deslocado da universidade para a aldeia, quando no modelo “clássico” colonial, a aldeia é a periferia fornecedora de dados, enquanto a universidade é o centro da pesquisa em todos os sentidos: é dela que parte a decisão de pesquisar, e de pesquisar o quê, e é para ela que devem convergir os dados para serem “condignamente” e cientificamente tratados, para com eles se produzir conhecimento sobre a língua.

Neste GT pretendemos reunir e trocar experiências sobre projetos e iniciativas de revitalização de línguas indígenas orientadas pela perspectiva descrita no ponto (ii) acima, buscando identificar em quais aspectos os participantes, indígenas e não-indígenas, encontram ainda dificuldades para romper com velhos hábitos vindos do modelo tradicional, modelo que fez escola.

GT 5

Sob o peso da colonialidade e do neoliberalismo em suas formas mais violentas, temos vivenciado tempos em que barbárie, ameaças à democracia, destruição ambiental, racismo e sexismo têm sido não apenas praticados como também publicizados em redes sociais e publicamente celebrados por parte da sociedade que, da maneira mais cruel, apoia o ultraconservadorismo e respalda a existência de um mundo de injustiças e desigualdades abissais. Ao mesmo tempo, movimentos de resistência nos mais variados campos sociais lutam

contra a invisibilidade e para romper com a opressão, as práticas discriminatórias e exploratórias, a desinformação. Nesse complexo cenário histórico, político e social, mais do que uma revisão ou um desprendimento, nos termos de Aníbal Quijano, da tradição eurocêntrica universalista na academia, entendemos ser cada vez mais necessário, em nossa área, vivenciar e corporificar movimentos e expressões que se oponham radicalmente a teorias e modelos científicos que, em seus efeitos, possam ajudar a perpetuar pensamentos e posições hegemônicas ou mesmo nos eximir da responsabilidade social em nossas pesquisas. Percebemos ser urgente que nossos estudos performem outras formas de pensar e de fazer e que promovam a justiça cognitiva, epistêmica e social, a criatividade e a criticidade e que não negligenciem ou se calem frente à gravidade de nossas condições de existência como coletividade. Nesse sentido, este GT busca reunir trabalhos que exponham resultados de pesquisa ou de práxis decoloniais ou problematizações e proposições teóricas que tragam luz para nossas reflexões sobre a conjuntura político-social-ambiental atual e sobre nosso papel como pesquisadoras(es) de linguagem e educadoras(es) linguísticas(os) implicadas com a transformação social e com a manutenção da democracia. Para propormos este GT, alinhamo-nos com as perspectivas indisciplinar e transgressiva, tal como propostas por Luiz Moita-Lopes e Alastair Pennycook, respectivamente, em diálogo com as discussões mais recentes sobre decolonialidade em linguística aplicada, pautando-nos aqui em autores tais como Lynn Mario Trindade Menezes de Souza, e sobre translinguagem, conforme teorizada por referências tais como Ofélia García e Suresh Canagarajah, para citar algumas. Além disso, levamos em conta as orientações educacionais para a transformação social e a liberdade, tal como as propostas por Paulo Freire e reforçadas por feministas decoloniais como bell hooks e nos orientamos também pelos escritos de outras autoras do movimento feminista decolonial e de autoras(es) das viradas decolonial, performática e afetiva. Incentivamos o envio de trabalhos que explorem possibilidades de ruptura epistêmica e/ou educacional e/ou discursiva das práticas opressoras e hegemônicas dentro e fora da academia. Serão bem-vindas propostas que enfoquem temas tais como: educação linguística em línguas estrangeiras; corpo, formas de opressão e resistência; corpo na sala de aula de línguas; práticas digitais de resistência à desinformação; linguagem e práticas educacionais de resistência baseadas em filosofias ancestrais, indígenas ou afro-brasileiras.

GT 6

Este GT tem como principal objetivo compartilhar vivências educacionais e discutir sobre um tipo de pesquisa que por si só já pode ser considerada sinônimo de resistência: a pesquisa docente, em especial, a pesquisa desenvolvida por professores de línguas refletindo sobre sua própria prática. Entretanto, mais do que visarem na busca por metodologias e tecnologias eficazes, que geralmente são baseadas em modelos importados do “Norte global”, ao refletirem sobre suas práticas, esses professores pesquisadores muitas vezes se descobrem do “Sul global”.

Quando mencionamos aqui a distinção entre norte e sul, estamos considerando a definição de Boaventura Santos (2022). Ou seja, não se trata de uma questão geográfica, mas sociopolítica. As epistemologias do Sul referem-se à produção e à validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado (SANTOS, 2022, p. 17).

Nesses grupos sociais epistemologicamente marginalizados, incluem-se trabalhadores precários, imigrantes e refugiados, vítimas de diferentes tipos de preconceitos, mulheres vítimas de diferentes formas de violência etc.

Essa mudança de perspectiva do Norte Global para o Sul Global é identificada por muitos como um processo de de(s)colonização (PENNYCOOK; MAKONI, 2020; SANTOS, 2022; VERGÈS, 2020) e o que Pennycook e Makoni (2020, p. 8-12) defendem como uma inovação, renovação ou reinvenção da linguística aplicada. De(s)colonização não tem a ver apenas com a independência política das nações do Norte, mas refere-se a um amplo processo histórico-social de recuperação e reconhecimento dos saberes construídos no Sul, com suas próprias falas e visões.

No entanto, não basta estar em um dado contexto e/ou focar nele, mas também adotar novas formas de olhar, novas perspectivas. O crescimento deste movimento, pode ser notado na academia, onde tem aumentado a quantidade de projetos de pesquisa desenvolvidos por professores de línguas com esse viés. Além disso, podemos notar também que esses estudos apresentam alguns pontos em comum. Geralmente, adotam uma abordagem qualitativa-interpretativista, tendo a Linguística Aplicada como base para suas reflexões, e dando sempre importância aos lugares de fala, que no caso é a voz dos próprios professores e dos demais membros da comunidade escolar (incluindo seus alunos). Não se trata de prescrever receitas pedagógicas infalíveis, mas sim, de tentar melhor entender o processo de ensino-aprendizagem de línguas, considerando as pessoas e os contextos em que ocorrem.

São professores e professoras que levam outros professores e professoras a (re)pensarem suas práticas, ao participarem dessas pesquisas. Os temas podem ser diversos, mas são todos situados, ou seja, contextualizados socialmente. Por exemplo, alguns dos temas abordados por esses professores pesquisadores são os seguintes: feminismo afro-latino-americano, ensino de idiomas em favelas, cibercultura em contextos infopobres (SILVA, 2014), preconceito linguístico no aprendizado de línguas, abordagem intercultural, formação de educadores de Libras, línguas indígenas e questões glotopolítica etc.

Sendo assim, gostaríamos de convidar outros colegas com interesse pelas epistemologias de(s)coloniais e na formação crítico-reflexiva de professores e professoras de línguas para se juntarem a nós nessa conversa sobre nossas práticas.

GT 7

Este simpósio pretende agregar propostas de trabalhos com sequências didáticas na Educação Básica e no Ensino Superior, com base em Dolz e Schneuwly (2004). O objetivo geral do simpósio é compreender estratégias teórico-metodológicas, a partir de um planejamento de ensino de língua(s) baseado em sequências didáticas. Busca-se, especialmente, a superação das desigualdades sociais a partir da educação. Espera-se conhecer propostas de resignificação do fazer docente, diante dos desafios do ambiente de ensino-aprendizagem e da necessidade de incorporação do ensino de leitura e escrita em espaços de comunicação e de significados multimodais além da adequação do ensino às necessidades atuais. Além disso, é necessário (re)pensar as práticas pedagógicas na escola e na universidade, a partir de um movimento dialógico entre as epistemologias digitais e as convencionais, alinhando-se a construção de conhecimentos às trajetórias de mudanças e transformações sociais e culturais. A Base Nacional Comum Curricular explicitamente assume a "centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem" (BRASIL, 2018, p. 67). A BNCC destaca a importância de a escola desenvolver o trabalho com gêneros textuais desde a Educação Infantil, considerando como objetivo de aprendizagem "conhecer diferentes gêneros e portadores textuais, demonstrando compreensão da função social da escrita e reconhecendo a leitura como fonte de prazer e informação" (BRASIL, 2018, p. 55). A organização do trabalho pedagógico a partir de sequências didáticas (SD) consiste na escolha de um procedimento de ensino, em que um conteúdo específico é focalizado em passos ou etapas encadeadas, tornando mais eficiente o processo de aprendizagem, relacionando diferentes áreas de conhecimento em torno de um mesmo tema, permitindo um ensino inter/trans/multidisciplinar (SCHNEUWLY E DOLZ, 2004). As sequências didáticas podem ser elaboradas em torno de determinados gêneros textuais, orais ou escritos, os quais permitem proporcionar estratégias pedagógicas de leitura e análise com as quais observa-se o avanço do educando diante de suas capacidades iniciais, levando-o a progredir em suas habilidades de fala, escrita, escuta, leitura e produção a cada conjunto de SD e de suas situações comunicativas.

GT 8

Historicamente, as inovações tecnológicas tendem a ser encaradas, em um primeiro momento, com desconfiança e rejeição, para somente depois serem incorporadas à sociedade, em geral, e

à educação, em específico. Em um período marcado pelo surgimento e/ou pelo aprimoramento de tecnologias digitais que, entre outros aspectos, modificam o modo como construímos sentidos e reconfiguram a própria noção de agência, tornando-a muito mais complexa, rizomática e em rede - inclusive no sentido de abarcar a participação tanto de humanos quanto não humanos -, entende-se que é papel da educação linguística crítica superar dicotomias quanto ao uso de tecnologias digitais nas práticas pedagógicas, de forma a evitar tanto perspectivas distópicas quanto olhares excessivamente ingênuos a respeito do tópico em questão. Esta proposta é um convite a todos que desejam se debruçar sobre alguns temas emergentes envolvendo o uso de tecnologias na educação linguística crítica, como práticas de letramento digital crítico, colaboração em massa na produção de materiais de ensino, curadoria digital, processos de (co)autoria no âmbito do ciberespaço, agência distribuída entre humanos e não humanos, experiências educacionais em metaverso e propostas pedagógicas voltadas ao combate de fake news e deep fakes. Serão bem-vindas propostas nas perspectivas da pós-humanidade e dos novos estudos do letramento, além de outras que possam vir a contribuir para os atuais debates no eixo linguagem e tecnologia.

GT 9

O processo de internacionalização no Brasil vem se estabelecendo com políticas governamentais, como o Ciência sem Fronteiras (CsF) e o Capes Print, muitas vezes desvinculadas das políticas institucionais já articuladas internamente. O ensino de línguas estrangeiras, apesar de desprestigiado ao longo dos governos, passa a ter visibilidade com a situação de falta de proficiência dos candidatos do CsF. Neste contexto, é criado o Programa Inglês sem Fronteiras que, posteriormente, torna-se Idiomas sem Fronteiras (IsF). Desde então, as ações do Programa favoreceram uma posição de destaque nas discussões sobre internacionalização e políticas linguísticas pelos linguistas aplicados. Apesar de ter sido descontinuado pelo MEC, as ações do Programa permaneceram ativas pelos especialistas credenciados e que se constituem atualmente como uma rede vinculada à Andifes (Associação Nacional de Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior). Considerando estes aspectos, este GT tem como objetivo permitir que diferentes especialistas da área possam refletir, discutir e propor como a Rede Andifes IsF pode se tornar uma política nacional que estimule a formação de professores de línguas estrangeiras para a internacionalização, democratizando o acesso a cursos de línguas estrangeiras pelas comunidades acadêmicas de diferentes instituições de ensino superior, de forma gratuita e inclusiva. Importante enfatizar que com o IsF diversos idiomas, numa visão plurilíngue e pluricêntrica, ganharam espaço na discussão sobre internacionalização, com foco específico no auxílio da comunicação de pesquisadores e da comunidade acadêmica com seus pares, em rede internacional.

GT 10

A proposta desse Grupo de Trabalho é reunir pesquisadores que se interessem pelos estudos da linguagem em diálogo com as praxiologias decoloniais, contribuindo para a promoção e escuta de vozes e perspectivas do Sul Global, tecendo caminhos para pensar em coletividade os múltiplos diálogos possíveis em nossa área (LANDULFO e MATOS, 2022). Estudos críticos na área de Linguística Aplicada (KLEIMAN, 2013; MOITA LOPES, 2013, 2006) indicam a importância de se promover a visibilidade das vozes do Sul, as chamadas periferias epistêmicas, historicamente silenciadas e/ou invisibilizadas (MATOS, 2020), sendo fruto de uma agenda de LA que suleie nossas epistemes e, para refletir sobre essas questões no entendimento de como as diversas linguagens se materializam como práticas sociais, pretendemos partir do pensamento decolonial (CASTRO-GOMEZ e GROSFOGUEL, 2007; KILOMBA, 2019) na construção de saberes transdisciplinares, atentos às narrativas e discursos não hegemônicos. Como linguistas aplicados, é urgente discutir, nos diversos eixos de pesquisa, questões de ordem social, cultural e política, abandonando práticas coloniais, de maneira que os diversos segmentos identitários tenham espaço de escuta em uma compreensão interseccional (GONZALEZ, 1988; AKOTIRENE, 2019) que crie comunidades de transformação social. Dessa maneira, esse Grupo de Trabalho acolhe trabalhos que tragam contribuições sobre os diversos âmbitos dos estudos da linguagem

a partir de praxiologias decoloniais, auxiliando a avançar em uma agenda de sociedade que implique subverter o padrão de poder colonial, no qual nos encontramos, contrapondo-se às diversas opressões encravadas em seus sistemas. Entendemos que re-pensar ontologias e epistemologias a partir do nosso contexto é um caminho para sua concretização e um desafio em práticas de linguagem decoloniais, que tenham a transgressão como estratégia de reexistência (SOUZA, 2011) e de ruptura.

GT 11

Este Grupo de Trabalho objetiva compartilhar investigação sobre processos de constituição de formas para a análise, crítica, avaliação e proposição de modos de superação das vulnerabilidades sociais e o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, equitativa e ecologicamente sustentável. A perspectiva da necropolítica (MBEMBE, 2016), que se espalha pelo mundo, determina que alguns precisam dar a vida para outros lucrarem em um contexto de economia de morte. Nessa direção, as questões climáticas e ambientais parecem surgir como um fator que resulta de políticas que desconsideram os valores de todas as vidas e que propulsionam o agravamento de situações de vulnerabilidade. O número alarmante de feminicídios e de violência contra mulheres e contra a população LGBTQIA+, o tratamento despresível com a população quilombola e indígena, a esmagadora maioria de mortes entre jovens negros e periféricos, o desprezo relegado aos velhos durante a pandemia são algumas dessas marcas. Em direção contrária, diferentes grupos de pesquisa e pesquisadores realizam projetos para a superação dessas adversidades. A proposta deste GT é discutir as várias formas de atuação de pesquisadores na busca por transformação das condições de injustiça social e ecológica por meio de análise, crítica, avaliação e proposição de formas de superar essas situações de vulnerabilidade e opressão em busca do Bem Viver (KRENAK, 2020). Esses projetos focalizam instituições que atuam junto a pessoas em situação de vulnerabilidade social como as comunidades indígenas, quilombolas, LGBTQIAPN+, de mulheres, imigrantes, surdos, velhos, negros, dentre outros que sofrem com processos de opressão e destruição da terra.

GT 12

É fato que o Brasil (a)diverso em cultura e em desigualdade social reflete suas práticas de leitura em contextos de sala de aula. Considerar essa práxis social evoca entender a leitura de mundo antecessora às práticas de escrita. Dessa perspectiva, os trabalhos pretendidos neste GT é apresentar iniciativas de formação de leitores, aquelas que considerem a educação linguística crítica como proposta decolonial e propicie discussões sobre os diversos contextos, em que a leitura e a formação de leitores, constitutiva à formação humana, construa um país de leitores. Com efeito, falar de educação é enveredar-se pelos caminhos da leitura de mundo que, por assim dizer, precede a leitura da palavra. É buscar compreender que o ser, em aprendizagem, é aquele que inicia o processo de consciência histórica, daí que a posteriori a leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele (FREIRE, 1987; 1992; 1994; 1997). Assim, a pretensão do grupo de trabalho é a de estabelecer diálogos a partir das seguintes questões: (1) De que forma as iniciativas de formação leitora se inscrevem a partir de perspectivas críticas, proposições que se fazem imperativas no Brasil? (2) Como os diversos contextos de leitura e de formação de leitores propiciam os direitos à literatura e à construção de uma cidadania crítica, ética e plural? (3) Em que medida as práticas docentes têm fomentam sujeitos leitores no viés de uma educação linguístico-literária crítica? Nessa perspectiva, trabalhos de investigações concluídas ou em andamento serão bem-vindos, assim como experiências docentes de formação de leitores críticos ocorridas no espaço das salas-de aulas, e ainda, os projetos de letramentos ocorridos em espaços não oficiais como lugares de ensino e aprendizagem.

GT 13

Este trabalho considera refletir acerca das perspectivas, os desafios e as reflexões advindas do uso de novas tecnologias digitais, em especial o ChatGTP, no ensino de língua. Objetiva-se ampliar o diálogo à luz da educação linguística, e analisar a eficácia dessas novas interações tecnológicas para a mediação interacional dos estudantes de Língua. As práticas investigativas

desenvolvidas a partir dos recursos tecnológicos do ChatGTP em sala de aula, suscitaram algumas reflexões quanto ao emprego de novas tecnologias com Inteligência Artificial nos contextos de ensino de língua: a) A compreensão dos professores quanto ao uso de recursos tecnológicos (IA-ChatGPT) no ensino e língua pode impactar criativa e criticamente as práticas de ensino e os processos de avaliação? b) Os professores de língua têm se adaptado às novas tecnologias (IA-ChatGPT) no ensino, mediante as especificidades dos contextos de ensino-aprendizagem em constante mudança? Em consonância com as demandas contemporâneas de Interação social, as práticas investigativas foram realizadas em contexto multilingue e multicultural de aprendizagem de língua portuguesa, na modalidade online-síncrona, via Zoom.

As práticas desenvolvidas no ChatGPT, contemplaram conteúdos de língua, literatura, arte, cultura, entretenimento e informação, considerando as dimensões sócio-culturais dos processos interacionais (BRONCKART, 2008; VYGOTSKY, 2007), a relação entre as perspectivas dos multiletramentos (MARCUSCHI, 2011; ROJO, 2013) e do multiculturalismo e dos componentes culturais na educação linguística (ALMEIDA, BAVENDIEK, BIASINI, 2020; HALL, 2014). Tais práticas investigativas proporcionaram atividades de ensino, pesquisa, análise, síntese e registro da língua, relacionadas aos diversos temas discutidos pelos interactantes. Em certa medida, as experiências com os recursos tecnológicos (IA-ChatGPT) contribuíram para a dimensão criativa do ensino, assim como, para a percepção crítica e o entendimento das limitações destes recursos tecnológicos. Quanto à análise da eficácia das ferramentas tecnológicas, levou-se em consideração os contextos socioeconômicos multifacetados, o planejamento das atividades, a adequação aos ambientes de mediação e os impactos da tecnologia na estrutura de avaliação.

GT 14

É fato que o Brasil